

# Apresentação

---

Cabe a mim, Carole Gubernikoff, apresentar este número da **Debates 24**, substituindo o editor, Alexandre Fenerich, que esteve afastado para realizar um pós-doutorado em Berlim, na Alemanha. Coube a todos nós, entretanto, suportar os efeitos da pandemia que atinge todo o planeta. Todas as atividades coletivas foram suspensas, desorganizando os espaços educacionais e artísticos, lugares que passaram a ser classificados como de aglomerações. O perigo de contágio de um vírus extremamente letal foi impactante e nos obrigou a repensar as relações humanas, artísticas, educacionais e científicas. A universidade pública foi fortemente atingida e está reagindo de maneira ativa e solidária às novas massas de estudantes oriundos das cotas raciais e sociais. A pesquisa, a extensão e a administração se adequaram rapidamente às condições remotas de trabalho. Mas, enfrentar a questão de inserir todos os alunos em condições de integração no ambiente remoto de ensino permanece, tanto para os docentes quanto para os estudantes.

Mais um desafio, manter a bi anualidade do SIMPOM, simpósio de estudantes de pós-graduação em música, que foi transferido em sua totalidade para o modo remoto. Uma consequência positiva desta mobilização foi a integração de pesquisadores e docentes de todas as partes do mundo, colaborando para uma nova internacionalização que, esperamos, se refletirá na produção dos próximos números da **Debates**

É neste ambiente de desafios que este número da **Debates** se organizou. Contamos com a solidariedade e a alta produtividade de docentes e pesquisadores que enviaram seus artigos para serem avaliados e publicados. Manteremos nossa publicação dentro da normalidade possível de fluxo de números *on line*, como já tem sido a norma.

Neste número apresentamos majoritariamente artigos de Teoria e Análise, o que também merece uma rápida reflexão. Os aspectos da teoria e da análise musical se constituíram como uma das áreas de reflexão musicológica, entendendo a musicologia como o estudo e a investigação da música. Entretanto, gostaria de propor um debate sobre este tema.

Tendo militado neste campo durante décadas, desde minha formação em composição na década de 70 do século XX, tenho assistido à sua crescente especialização. Entretanto, a Análise Musical que tem sua origem na Musicologia Sistemática, de acordo com a classificação de Guido Adler, abordava um leque complexo de questões, desde o ensino das disciplinas teóricas até a avaliação crítica de estilo e a educação para os elementos da escrita musical, como teoria, harmonia, contraponto e composição, além das práticas interpretativas e da etnomusicologia. A oposição básica proposta por Adler foi com a Musicologia Histórica,, entre o estudos diacrônicos e o estudos sincrônicos. Simplificando, a musicologia sistemática se refere aos conteúdos musicais e a histórica ao seu desenvolvimento ao longo do tempo.

Hoje sabemos que a função da história não é apenas de narrar fatos, uma sequência de eventos de acordo com a passagem dos séculos e dos anos. Há toda uma avaliação das forças envolvidas na sociedade e nas instituições musicais. Em cada obra a ser analisada estão implicadas as questões da temporalidade, do desenvolvimento da escrita, do estilo de época, da vida e formação dos compositores, além das questões mais explicitamente teóricas. Enfim, o que chamamos de análise musical encontra-se no âmago do saber e da pesquisa em música. Além das questões que envolvem as criações musicais, temos que levar em consideração o perfil dos autores dos textos analíticos, que submetem as obras a critérios de valor que dependem de sua formação. Defendemos, também, que as linhas de pesquisa em teoria e análise musical, que tratam do presente permanente das obras musicais, se associe, como é de sua natureza, à composição musical, compartilhando com ela seus saberes e fazeres.

Neste número temos uma variedade de temas e de autores.

Rodolfo Coelho de Souza, da Universidade São Paulo, Ribeirão Preto, apresenta uma análise de *Désir d'Hiver*, canção de Alberto Nepomuceno, utilizando as técnicas neo-riemannianas de parcimônia cromática com dissonâncias.

Paulo de Tarso Salles, professor da Universidade São Paulo, segue em sua trajetória pesquisador da obra de Villa Lobos. Desta vez, teremos a oportunidade de nos informar sobre a *Sinfonia nº 2*. Sua abordagem se concentra, além dos aspectos teóricos, nos “estados de alma”, a partir da narratividade e da teoria das tópicas.

Rafael Fortes, da Universidade Federal do Piauí, apresenta um capítulo de sua tese sobre a teoria de Heinrich Schenker, que discorre sobre os fundamentos organicistas deste autor e se detém na etapa neo schenkeriana a partir da aplicação destas metodologias a obras de Igor Stravinsky.

Ernesto Hartmann, professor da Universidade Federal do Espírito Santo e colaborador com o programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná, analisa o uso de pentatonismo em duas obras de Claudio Santoro: a *Sonata para Piano nº 3* e *Duas Dansas* para piano.

Fábio Scucuglia e Mauricio de Bonis, da UNESP, assinam um texto sobre os aspectos técnicos da Interpretação da Música Eletroacústica.

Lars Hoef, professor da Unicamp, apresenta um artigo em inglês sobre a influência da obra de Frederic Chopin em Villa Lobos: *Hommage à Chopin*, 1949, para piano; *Mazurka-Choro*, 1908, para violão; e em arranjos para cello e piano.

Gláucio Xavier da Fonseca, professor da Universidade Federal da Paraíba, encerra a publicação de capítulos de sua tese com o terceiro movimento da *Sonata para Trompete e Piano* de José Alberto Kaplan, salientando os processos de intertextualidade.

Esta breve apresentação dos textos publicados neste número, apenas atesta a pujança da pesquisa acadêmica em música e seu largo espectro de abordagens. Há muito que os limites das metodologias e dos estilos foram rompidos. As múltiplas direções resultantes, forjam as sensibilidades contemporâneas.

Carole Gubernikoff  
Editora Substituta  
Revista Debates  
PPGM CLA  
Unirio